

O vento na direção do Capitão

Gaudêncio Torquato (*)

Meu pai, que sabia quando ia chover só em olhar para a formação de nuvens no nascente e no poente, dizia: “quando o vento vem numa direção, ninguém desvia seu rumo”

Costumei aplicar a pequena lição à política. Quando o vento corre na direção de um candidato, não há barreira que o detenha. Torna-se ele “a bola da vez”, o cara que tende a chegar ao pódio antes dos outros. E, aproveitando mais um ditado popular, a corrida do vento até se acelera quando alguém “cutuca a onça com vara curta”. A fera, quieta em seu canto, corre para abocanhar o caçador.

A imagem cai bem sobre a figura do capitão Jair Bolsonaro. A ventania provocada pela atmosfera eleitoral sopra na sua cara, a mostrar que, mesmo sob muralhas construídas em sua passagem – acusações de discriminação contra mulheres, misoginia etc – o candidato da extrema direita está na posição de canalizador das correntes mais fortes que impulsionam o eleitorado brasileiro.

Nema onda feminina que, há dias, invadiu as ruas, a partir do Largo da Batata, em São Paulo, protestando contra o candidato sob o manto de um movimento batizado de #Elenão, deteve sua capacidade de aglutinação. Deu-se um bumerangue: Bolsonaro ganhou pontos no campo das mulheres e, ainda, cresceu em segmentos tradicionais do lulismo, como as margens pobres do Nordeste.

O que teria ocorrido? O movimento das mulheres contra Bolsonaro abrigaria um grupo majoritariamente de esquerda e de boa renda, e o “cutucão com vara curta” nos costados do capitão teve o condão de despertar o sentimento antipetista, particularmente forte nos enclaves médios do Sudeste, com grande poder de capilaridade.

O tom crítico de candidatos do centro contra o lulopetismo, nos últimos dias, correu pelas regiões, fazendo estragos na imagem do PT e de seu candidato Haddad. Evitar “a volta do PT ao poder” passou a ser grande estampa na paisagem eleitoral, abrindo os flancos de candidatos como Geraldo Alckmin, Marina Silva e até Ciro Gomes, que viram parcela de seus eleitores surfar na onda bolsonariana.

O fato é que a intensa polarização que racha o país denota algo inusitado: os dois líderes

dos votos são também os mais rejeitados, ambos beirando 45% de rejeição. Bolsonaro veste o figurino do cara ao lado do eleitor, sujeito de cultura mediana, de linguagem simples, sem sofisticação, um parlamentar do baixo clero que nunca habitou o altar dos qualificados no Parlamento.

Traduz o voto de protesto contra a velha política e contra a rapinagem desvendada pelas Operações Mensalão e Petrolão, simbolizando, ainda, a figura do mocinho do velho Oeste a atirar para matar (que fique claro) os bandidos. Haddad, por sua vez, é um emissário que pede aos eleitores pobres do Nordeste para desencavar a bolorenta foto de Lula no baú para recolocá-la na parede de suas casas, sob a lembrança do dinheirinho do Bolsa Família e da água do São Francisco.

Para os eleitores do alto, tome promessas de recuperar o Brasil da era PT. (Haja dissonância). O bumbo sobre os caminhos tortuosos do PT, o fraseado “revolucionário” de seus pensadores – José Dirceu na vanguarda –, a palavra de ordem “Lula Livre”, a dúvida gerada por Haddad (É Lula, mas não é), acabam deixando muita gente desconfiada. Por isso, só os convictos põem fé na palavra dele.

Se formos comparar os ruídos provocados pelas campanhas, podemos dizer que os decibéis bolsonarianos estão entre 80 a 100 (mesmo com o capitão recolhido após a facada), faixa considerada muito alta, enquanto os decibéis de Haddad giram entre 60 a 80, faixa intermediária. O recado de Bolsonaro faz mais eco. Com agudos e graves até então desconhecidos, o candidato exerce maior poder de atração.

Outro modo de comparar é dizendo que a tonalidade mais radical sai da trombeta de Bolsonaro, performance que cai mais no agrado social, em função do clima de desordem e roubalheira vivido pelo país. No segundo turno, os tons do discurso aumentarão de volume, acirrando o ânimo das duas bandas que dividem o território. O capitão continuará a se ancorar na bengala da emoção que usa desde a facada. Já o ex-prefeito Fernando Haddad tentará se equilibrar na corda bamba, ora procurando exibir voz própria, ora passando recados do tutor Luiz Inácio.

Até 28 de outubro, veremos choques agudos e entreveros mais severos. Sob uma primavera muito quente.

(*) - Jornalista, é professor titular da USP, consultor político e de comunicação. [Twitter@gaudtorquato](https://twitter.com/gaudtorquato). [Acesse o blog \(www.observatoriodaeleicao.com\)](http://www.observatoriodaeleicao.com).

Candidatos têm poucos dias para campanha, de olho no segundo turno

Mal terminou a apuração dos votos do primeiro turno das eleições, o tempo começa a correr para os candidatos que disputarão o segundo turno no dia 28. São apenas 18 dias de campanha

Alguns partidos agendam para esta semana reuniões da executiva nacional. A Executiva Nacional do PSDB se reúne hoje (9), em Brasília; o PSTU anuncia amanhã (10) o apoio no segundo turno, além da Rede e do PV, que também têm previsão de encontros até sexta-feira (12).

O PDT é outro partido que prepara para esta semana a divulgação de apoios. Alguns candidatos revelaram conversas que tiveram por telefone, sinalizando eventuais alianças e coligações para o segundo turno. Até sexta-feira (12), quando os principais partidos tiverem definido os apoios para o segundo turno, começa o período de propaganda eleitoral gratuita no rádio e na televisão. A partir de sábado (13) aquele candidato que ainda está na disputa eleitoral não poderá ser detido ou preso, salvo no caso de flagrante delito.

Para os eleitores, a proibição só vale a partir do dia 23, quando não poderá haver prisão ou detenção, exceto em flagrante e por sentença criminal condenatória por crime inafiançável, ou por desrespeito a salvo-conduto. A



Eleitores vão às urnas no primeiro turno das eleições de 2018. Em 13 estados e em Brasília, haverá segundo turno.

três dias do segundo turno, no dia 25, termina o período para propaganda política mediante reuniões públicas ou promoção de comícios e utilização de aparelhagem de sonorização fixa. Também será o último dia para partidos políticos e coligações indicarem os nomes dos fiscais e delegados habilitados a monitorar os trabalhos de votação.

Às vésperas do segundo turno, o dia 26 será o prazo final para a divulgação da propaganda eleitoral gratuita no rádio e na televisão, assim como para

a divulgação paga, na imprensa escrita, de propaganda eleitoral. Os debates se encerram também nessa data.

Um dia antes das eleições, 27, ainda é permitida propaganda eleitoral com alto-falantes ou amplificadores de som. Até as 22h poderá ocorrer distribuição de material gráfico e a promoção de caminhada, carreta, passeata ou carro de som que transite pela cidade divulgando jingles ou mensagens de candidatos.

A exemplo do que ocorreu

no primeiro turno, no dia 28, as votações começam às 8h e vão até as 17h. Os partidos políticos têm até o último momento para solicitar, por exemplo, o cancelamento do registro do candidato que ele tiver expulsado. A propaganda política em qualquer tipo de comunicação está proibida no dia das eleições. A divulgação de resultados de pesquisas de intenção de votos pode ocorrer desde que o levantamento tenha sido feito em datas anteriores ao dia da votação (ABR).

Com bordão religioso, Daciolo teve mais votos que Marina

Com uma campanha baseada no bordão “Glória a Deus” e com um gasto total de R\$ 808,92 (valor menor que o salário mínimo de R\$ 954), o candidato à Presidência pelo Patriota, Cabo Daciolo, foi o 6º mais votado no primeiro turno e ficou à frente de nomes tradicionais da política brasileira, como Marina Silva e Henrique Meirelles.

Daciolo marcou 1,3% dos votos válidos, enquanto a candidata da Rede, Marina Silva, ficou com 1% dos votos, com 1 milhão de eleitores, na 8ª colocação. Como sétimo candidato mais votado, Henrique Meirelles, do MDB chegou a 1,2%. Durante sua campanha eleitoral, Daciolo virou “meme” e piadas nas redes sociais devido a frases como “Glória a Deus”, usadas sempre em seus pronunciamentos.

De acordo com o TSE, o candidato do Patriota arrecadou R\$ 9.930 em financiamento coletivo. No entanto, Daciolo gastou apenas R\$ 808,92, que se referem a taxas para o serviço de financiamento coletivo web – única despesa registrada até o momento pelo candidato. Por sua vez, Meirelles e Marina Silva não prestaram contas até então ao TSE. A prestação de contas final deve ser feita até o 30º dia posterior às eleições, para todos os candidatos que não concorrerem ao segundo turno e para os partidos políticos, incluídas as contas dos respectivos comitês financeiros (ANSA).

Eleição para o Senado Federal derrota políticos conhecidos

A eleição para o Senado deixa fora do Congresso políticos de renome, como a ex-presidente Dilma Rousseff (PT-MG), que ficou em quarto lugar na disputa; o atual presidente do Senado, Eunício Oliveira (MDB-CE); o vereador Eduardo Suplicy (PT-SP), ex-senador e aposta do partido para reforçar a bancada; o senador Cristovam Buarque (PPS-DF), ex-ministro da Educação; e o deputado federal Mendonça Filho (DEM-PE), ex-ministro da Educação.

A eleição do Rio de Janeiro foi a que causou maior desfalque: foram derrotados os senadores Lindbergh Faria (PT) e Eduardo Lopes (PRB), além dos deputados federais Miro Teixeira (Rede) e Chico Alencar (PSOL). Miro é o deputado com maior número de mandatos na atualidade. Ao todo são onze mandatos, com apenas uma interrupção, entre 1983 e 1987. Chico Alencar está no quarto mandato na Câmara. Um dos principais defensores de Dilma, Silvio Costa (Avante-PE), tentou sem sucesso uma vaga no Senado. O líder do governo no Congresso, André Moura (PSC-SE), também foi derrotado.

Os eleitores do Maranhão tiraram do cenário nacional o senador Edison Lobão (MDB)



Dos 33 senadores que tentaram a reeleição, oito conseguiram votos para voltar.

e o deputado Sarney Filho (PV), mas colocaram no Senado, o deputado Weverton Rocha (PDT) e a deputada Eliziane Gama (PPS). Já os deputados Alfredo Nascimento (PR-AM) e Alex Canziani (PTB-PR) tentaram o Senado, mas foram derrotados. Filho da senadora Kátia Abreu (PDT-TO), o deputado Irajá Abreu (PDT-TO) conquistou uma cadeira no Senado.

Os tucanos Ricardo Tripoli, em São Paulo, Bruno Araújo, em Pernambuco, e Jutahy Júnior, na Bahia, que atualmente ocupam uma vaga de deputado federal, perderam a eleição de senador. Os ex-governadores Beto Richa (PSDB-PR), Raimundo Colombo (PSD-SC), Marconi Perillo (PSDB-GO) e

Jackson Barreto (MDB-SE) também não tiveram sucesso nas urnas.

Os senadores Garibaldi Alves Filho (MDB-RN), Antônio Carlos Valadares (PSB), Roberto Requião (MDB-PR), Valdir Raupp (MDB-RO), Cássio Cunha Lima (PSDB-PB), Flexa Ribeiro (PSDB-PA), Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM), Vicentinho Alves (PR-TO), Ataídes Oliveira (PSDB-TO), Lúcia Vânia (PSB-GO), Wilder Moraes (DEM-GO), Magno Malta (PR-ES), Ricardo Ferraço (PSDB-ES), Waldemir Moka (MDB-MS), Benedito de Lira (PP-AL), Angela Portela (PDT-RR) e Paulo Bauer (PSDB-SC) não foram reeleitos.

Após primeiro turno, Haddad visita Lula



Candidato manteve rotina de ir a Curitiba às segundas-feiras.

O candidato do PT à Presidência da República, Fernando Haddad, visitou ontem (8) o ex-mandatário Lula na carceragem da Polícia Federal em Curitiba (PR). Durante a campanha, o ex-prefeito de São Paulo manteve uma rotina de encontros com Lula na prisão, sempre às segundas-feiras, e não deu sinais de que interrom-

perá essa prática no segundo turno.

Segundo a imprensa, alguns aliados defendem que Haddad desista das visitas a Lula para expandir seu eleitorado além do petismo. No primeiro turno, o candidato obteve 29% dos votos e ganhou mais uma chance de derrotar Jair Bolsonaro (PSL), que ficou com 46% (ANSA).

Derrotados no Senado falam do mau desempenho

Parlamentares veteranos, detentores de forte liderança em seus partidos, senadores derrotados quebraram ontem (8) o silêncio e comentaram o mau desempenho nas urnas. Após seis mandatos consecutivos, o senador Romero Jucá (MDB-RR) foi um dos derrotados. “Por 434 votos, infelizmente não entramos no Senado. Muitos ataques, muitas agressões e muitas mentiras fizeram com que eu tivesse essa condição de perder votos”, afirmou, em vídeo gravado em Boa Vista e postado em sua conta no Facebook. Jucá disse que é hora de “levantar a cabeça” e que “a vida continua”. Ele desejou aos deputados federais e a seus adversários eleitos que continuem trabalhando pelo estado e resolvendo os problemas da população.

Derrotado nas urnas no Ceará, o presidente do Senado Eunício Oliveira (MDB-CE),

66 anos, que tentava a reeleição, afirmou em nota que os cearenses “demonstraram seus anseios de mudança”. O senador, que deixa o Congresso após mais de duas décadas, disse que recebeu com “reverência e respeito” a determinação das urnas. “Agradeço com muita honra e humildade aos 1.313.793 cearenses que seguiram confiando em mim. Recolho-me à vida pessoal. Desejo boa sorte e energia para os que foram eleitos”.

Outro senador do MDB com tradição no Congresso, Roberto Requião (PR), comentou o fracasso nas urnas. Ele admitiu a derrota pelo Twitter, admitiu a derrota, ainda com base em pesquisas de boca de urna, logo após o final da votação. “Feito Bolsonaro e duro ataque de infâmias e calúnias nas redes nos últimos dias? Minha posição nacionalista não muda um milímetro, mas

respeito a decisão do voto”, disse. Depois, com o resultado já confirmado, acrescentou: “Não sounem serei avaro. Nem me perguntem se padeço. Se caráter custa caro, pago o preço”, afirmou Requião, um dos dissidentes da sigla, próximo ao PT e ao ex-presidente Lula. Engrossando a lista dos sem mandato a partir de 2019, o petista Lindbergh Farias (RJ) também se manifestou. “Agradeço os 1.419.676 votos recebidos. Fizemos uma campanha aguerrida, dialogando com o povo e defendendo os direitos do trabalhador. Agora, a tarefa é eleger Haddad, derrotando aquele que se diz anti-sistema, mas votou tudo com Temer. A luta!”, escreveu, no Twitter.

O senador Cristovam Buarque (PPS-DF) desejou sucesso aos candidatos que o superaram na disputa. “Parabéns Leila [do volêi] e Izalci. O DF e o Brasil esperam muito de vocês” (ABR).

Artífice da queda de Dilma, Janaína bate recorde

Autora do pedido de impeachment que derrubou Dilma Rousseff (PT), a advogada Janaína Paschoal se tornou a candidata a deputada estadual mais votada da história de São Paulo e do Brasil.

Nas eleições do último domingo (7), Paschoal, que pertence ao PSL, partido de Jair Bolsonaro, recebeu 2.060.786 votos e terminou na primeira posição, com 9,88% do total.

O número supera até mesmo a votação de Eduardo Bolsonaro, filho do candidato a presidente, que teve um recorde de 1.843.735 votos para deputado federal. A melhor marca anterior para estadual era de Fernando Capez (PSDB), em 2014, com 306.268 votos. “Amados, são muitos votos, mais de dois milhões. Esta votação expressiva é muito importante, pois me confere mais legitimidade para trabalhar por todos nós. Agradeço a cada cidadão que confiou em mim”, escreveu Janaína no Twitter.

A advogada é uma dos três autores do pedido de impeachment que derrubou Dilma por causa das “pedaladas fiscais”, ao lado de Miguel Reale Jr. e Hélio Bicudo (ANSA).